

139
Doc. nº XXXIX
Aprovado
Vitória, 29.03.03


RELATÓRIO DA SUB COMISSÃO 6 – ENTIDADES E AUTARQUIAS II

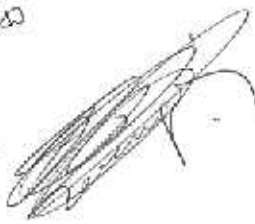
Quanto ao Doc. 25, relatório do curador do Arquivo Histórico Presbiteriano.

A CE-SC resolve aprovar com os seguintes destaques:

1. O empenho dos Rev. Eliezer Bernardes e Enos Moura, no atendimento dos pesquisadores que procuram o arquivo de segunda a sexta-feira no horário regular de 8 às 16h, sem fechar para o almoço, bem como em horário extra, após acordo, e na higienização de documentos e cuidado especial de fotografias.
2. Diferença entre Arquivo Histórico e Museu: Em São Paulo há um arquivo histórico onde existe grande quantidade de documentos sobre a história da IPB. Em Campinas, há um Museu, onde existe móveis e utensílios, instrumentos musicais, vestimentas, etc, expostos à visitação pública. E no Recife, há um misto de museu e arquivo histórico, com um rico material iconográfico.
3. Necessidades: Destaca-se haver, segundo o relatório, as seguintes necessidades em São Paulo e no Recife: troca do atual computador, instalação de Internet, definição quanto à limpeza pesada que atualmente é “bancada” ora pelo Rev. Enos, ora pelo Rev. Eliezer, encadernação de periódicos, restauração de livros e documentos como atas das primeiras reuniões do Sínodo no Brasil.
 - a. Solicita da Fundação que hospeda o Museu e o Arquivo Histórico, que viabilize os recursos necessários para ~~o suprimento das questões acima~~. A LIMPEZA.
4. Registrar os anexos sobre o presbiterianismo no Estado do Espírito Santo, que neste ano completa o seu centenário, especialmente os seguintes escritos:
 - a. “O Canto do Urutáu”, de Mattathias Gomes dos Santos, escrito em março de 1940, descrevendo excursões evangelísticas pelo Estado do Espírito Santo.
 - b. “Vandalismo em São José do Calçado” sobre perseguição religiosa, publicado em “O Puritano” nº 483 de 18.03.1909 no Rio de Janeiro, que fala sobre o assalto ao templo presbiteriano em São José do Calçado, que foi incendiado completamente, reduzindo-o a cinzas.
 - c. “Semeando e Colhendo no Espírito Santo e Rio”, artigo de lavra de Constâncio Omega que relata o trabalho de uma “comitiva evangélica” com pregações e profissões de fé, e ~~ata~~ relata a compra de um harmônio de um padre francês.

Vitória, Sala das Sessões, 26 de março de 2003.

Rev. Paulo de Tarso 

Rev. Jônatas Barbosa Rodrigues 

Rev. José Lapa 

Rev. Salomão Azulay 



IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

24 MAR 16 31 03 000021

PROTOCOLO

Curadoria do Arquivo Histórico e Museus da IPB

Sub Con. VI

IGREJA
PRESBITERIANA
do BRASIL

Secretaria Executiva

Arquivo Histórico Presbiteriano

Rua Demóstenes, 866 - Campo Belo

São Paulo-SP

04614-014

Telefone: (0**11) 5561.4559



Robson

Pres. S/C-

IPB

Vitoria-ES

São Paulo, 07 de março de 2003

Exmo. Sr.

Rev. Ludgero Bonilha Morais

DD Secretário Executivo do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil

Prezado irmão:

Tenho o prazer de encaminhar o Relatório da Curadoria do Arquivo Histórico Prsbiteriano e Museu da IPB, relativo ao segundo semestre de 2002.

Sendo o nobre companheiro igualmente integrante desta Curadoria, torna-se desnecessário dizer que tem todo o direito de modificar o texto, enquadrando-o dentro das normas dessa SE.

Colocando-me à inteira disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários, agradeço a confiança que tem sido depositada e rogo as bênçãos do Senhor sobre o árduo trabalho que antecede mais uma reunião da CE-SC.

Fraternalmente no Senhor,

Enos Moura
Enos Moura, pastor
Curador

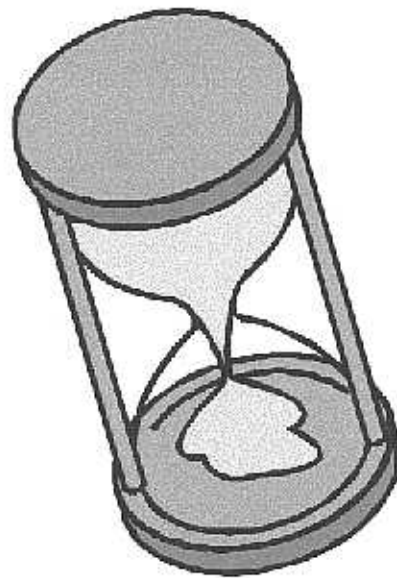


IGREJA
PRESBITERIANA
DO BRASIL

Secretaria Executiva

CURADORIA DO ARQUIVO HISTÓRICO E MUSEU DA IPB

Arquivo Histórico Presbiteriano



Relatório Jul/Dez 2002

“Tem-se reiterado a unidade da função arquivística; é comum afirmar-se que o profissional que não conhece como os documentos são gerados, não pode bem organizá-los, em idade nenhuma.” *(Heloísa Liberalli Belloto – Universidade de Brasília-DF)*

Introdução

*Ao Supremo Concílio (julho de 2002) apresentamos um relatório substancioso a respeito do **Arquivo Histórico Presbiteriano**. Pela natureza do nosso trabalho – análise, higienização, arquivamento e guarda de documentos de interesse histórico para a IPB, não há muita novidade a relatar quanto aos últimos seis meses. O trabalho rotineiro continua sendo realizado, cada dia mais e mais papéis são lidos e tomadas as providências necessárias. Há necessidade de análise de um por um, pois o tempo atua diferentemente em cada documento ou noutro tipo de material do nosso acervo.*

Em virtude de em cada reunião (seja do SC ou da CE-SC), as Comissões ou subcomissões serem compostas de diferentes conciliares, algumas informações de relatórios anteriores se repetem, a fim de se ter um panorama geral dada melhor do Arquivo.

Tentaremos dar uma visão do **Arquivo** hoje, falar um pouco sobre os acervos dos seminários de Campinas e do Recife, além de incluir alguns anexos que exemplificam parte do nosso trabalho.

1. O ARQUIVO HOJE

1.1 – LOCALIZAÇÃO

O **Arquivo Histórico Presbiteriano** está situado em uma ampla sala de 124 metros quadrados no edifício sede da Fundação Educacional Rev. José Manoel da Conceição.

Funciona de segunda a sexta-feira, das 08h00m às 16h00m, sem fechar para o almoço. Esse horário pode ser prorrogado nos dias quando alunos do JMC e demais pesquisadores desejam ficar até mais tarde, para uma pesquisa mais acurada. Pesquisadores outros também podem agendar horário especial, desde que combinando no dia anterior, mesmo por telefone. Muitas vezes o horário tem sido prolongado até 20h00m e, excepcionalmente, até 23h00m.

Trabalham atualmente no Arquivo, com dedicação plena, os Revs. Eliezer Bernardes e Enos Moura. Eventualmente recebem a cooperação de voluntários.

Temos o lema "Vamos desarquivar o Arquivo!!!", inspirados em um dos muitos diálogos com o Rev. Boanerges Ribeiro, estimulados mais tarde pelo fundador, Rev. Júlio Andrade Ferreira.

1.2 – ATIVIDADES ROTINEIRAS

1.2.1 - Atendimento

Durante o ano de 2002 tivemos bem mais pesquisadores no Arquivo. Alunos dos Revs. Wilson Santana e Herminsten Maia Pereira da Costa, alunos do Centro de Pós Graduação Andrew Jumper, historiadores e leigos interessados na História da IPB, têm sido nossos clientes assíduos.

De diversos Estados do Brasil também recebemos visitas, além de correspondência, solicitando xerox de páginas de livros, revistas e jornais, ou indagando a respeito de nomes, locais e datas referentes a diversos eventos da IPB.

Estamos anexando o mais recente trabalho que foi digitalizar informações colhidas no "O Puritano" do início do Século XX, a respeito do desenvolvimento do trabalho evangélico presbiteriano no Estado do Espírito Santo.

Temos por princípio não tirar xerox de documentos muito antigos, pois corre-se o risco de danificar o papel. Alguns jornais centenários não suportam mais grandes manuseios, por mais cuidado que se tenha.

1.2.2 – Higienização

Continuamos no processo de higienização de documentos. Isto levará muito tempo e, em um dia sendo concluído, deverá se voltar ao início para haver a conservação necessária.

Basicamente o procedimento é este: Retira-se todo e qualquer elemento de metal, como por exemplo grampos, cliques e ganchos. Proceder-se a higienização através de limpeza com pincel, borracha de desenho e pano limpo ou algodão. Consertam-se possíveis rasgos com durex branco transparente, passa-se esmalte incolor nas presilhas das pastas, e aplica-se em cada furo reforçadores redondos próprios para esse trabalho.

Em virtude de não encontrarmos o material específico no almoxarifado do Mackenzie, nós mesmos temos bancado a aquisição algumas vezes.

Normalmente, uma pasta com 150 documentos de uma só página consome dois dias de trabalho, duas pessoas trabalhando seis horas por dia.

1.2.3 – Cuidando das Fotografias

Foram reunidas em 02 Arquivos de Aço todas as fotos que estavam espalhadas por diversas estantes. Paulatinamente o trabalho de conservação está sendo feito e as que podem ser restauradas com o material disponível no Arquivo, têm merecido desde já o nosso cuidado. Outras, mais estragadas, estão tendo o processo de deterioração estancado e aguardam a possibilidade de serem entregues a um restaurador profissional, a exemplo do que se faz no Mackenzie.

2. AS EXTENSÕES DO RECIFE E CAMPINAS

Em relatórios anteriores mencionamos qual a diferença básica entre Arquivo Histórico e Museu.

Diante do que ali está posto, diríamos que em São Paulo-SP nós temos o ~~Arquivo Histórico Presbiteriano~~, pois é onde existe a maior concentração dos documentos relativos à História da IPB, tais como Livros de Atas, Relatórios de Autarquias, documentação de diversas reuniões do Supremo Concílio, todos os periódicos oficiais, etc. etc.

Em Campinas-SP temos o Museu Presbiteriano, pois ali estão móveis e utensílios, instrumentos musicais, vestimentas, troféus, e muito mais, devidamente expostos à visitação pública.

No Recife-PE temos um misto de Museu e Arquivo Histórico, com um rico material iconográfico.

2.1. – CAMPINAS

Em setembro de 2002 entrou em contato conosco D. Alzira Valim Ferreira (viúva do Rev. Júlio), relatando sua preocupação com o acervo do Museu em Campinas, somando-se à idêntica observação do então seminarista Walter Banuls, que tem curso de extensão na área de restauração de documentos.

D. Alzira encaminhou oficialmente o assunto ao Rev. Milton Ribeiro, então Vice Reitor da Universidade Mackenzie e Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Educacional Rev. José Manoel da Conceição.

A pedido do Rev. Milton esteve em Campinas a responsável pelo Centro Histórico do Mackenzie – Andréia Considera, analisando tecnicamente as instalações ali. O seu relatório foi encaminhado à Direção do Mackenzie e deve ser apreciado em uma das próximas reuniões. Podemos adiantar que o seu parecer inclui uma reformulação do espaço onde está o Museu, como por exemplo, novo revestimento, e proteção quanto à luz solar cuja incidência direta está prejudicando algum material. Quanto ao orçamento do que deve ser feito, sabe-se que há necessidade de um patrocínio especial, pois inclui sérios trabalhos de restauração.

Todavia, confirmando o que afirmamos no relatório passado, a situação ali não é crítica nem desesperadora, como pretende demonstrar o projeto do mencionado irmão seminarista. Há necessidade de se intervir no acervo, sim. Mas não há nada que esteja em franco processo de deterioração. Em parte, graças à colaboração sempre presente das irmãs da SAF, aliada ao cuidado que tem tido o Rev. Silas Luiz de Souza, coordenador do Departamento de História do SPS e encarregado do Museu, o ambiente tem se mantido limpo, higienizado e dedetizado.

O acervo em geral, incluindo alguns órgãos (harmônios), dos anos 40, 50 e 60, fotos e quadros de formatura do SPS, cadeiras e escrivaninhas e antigos ministros, etc. etc., tudo está bem disposto, incluindo vitrines próprias de museus.

2.2 RECIFE-PE

Em 24 de setembro de 1966 foi fundado, pelo então seminarista Enos Moura, o Instituto Martinho de Oliveira de Pesquisas Presbiterianas – IMOPP, como um departamento de História do próprio Seminário Presbiteriano do Norte. O Rev. Júlio Andrade Ferreira doou todas as fotos das quais havia duplicata em Campinas, para o IMOPP. Em 1991, ao assumir a direção do Seminário, o Rev. Edijéce Martins Ferreira deu corpo ao IMOPP, denominando-o “Fundação Martinho de Oliveira” (nomeando Diretor o Rev. Enos), e adequando duas salas para que ali fosse exposto todo o material. O acervo é composto basicamente por doação das famílias do Rev. Israel Gueiros, do Rev. Oton Dourado, além de centenas de fotos, boletins de Igreja, coleções do Norte Evangélico, etc., colecionados pelo Rev. Enos de 1966 a 1996, quando mudou-se para São Paulo-SP, a fim de trabalhar no Mackenzie.

A “Fundação Martinho de Oliveira” está instalada hoje em ampla sala do “Casarão” do SPN, recebendo toda a tenção do Rev. Maeli Vilela – Coordenador do Departamento de História no SPN, recebendo também todo incentivo do atual Diretor – Rev. Luiz Augusto Bueno.

3. NECESSIDADES

3.1 – Em São Paulo

- Troca do atual computador, impressora e scanner, comprados em 2000.
- Instalação de Internet.
- Definição quanto à limpeza pesada do dia a dia, no momento “bancada” ora pelo Rev. Eliezer, ora pelo Rev. Enos.
- Encadernação dos periódicos dos anos 1997 em diante.
- Restauração de alguns livros raros, incluindo Livros de Atas das primeiras reuniões do Sínodo do Brasil.

3.2 – Em Campinas

O Projeto se encontra na Diretoria do Mackenzie

3.3 – Em Recife

- Compra de móveis adequados
- Treinamento de voluntários na área de Arquivística.
- Visita do Curador e estabelecimento de permuta de acervo.

Agradecimentos

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e parra vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos.”
Amém.

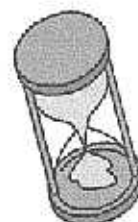
- À Fundação Educacional Rev. José Manoel da Conceição, através do seu Conselho de Curadores, que nos tem hospedado e dado algum suporte quando solicitamos.
- ✓ Aos companheiros da Fundação JMC, pela cooperação e apoio sempre presentes (Marcos, Loreny e Daniel)
- ✓ À equipe do Centro Histórico do Mackenzie, com quem temos aprendido sempre e sempre.
- ✓ Às nossas famílias que nos tem apoiado, entendido e incentivado quanto à dedicação para com o Arquivo.



São Paulo, 07 de março de 2003

Enos Moura, pastor
Curador

ANEXOS



Arquivo Histórico Presbiteriano

Rev. Paulo Viana de Moura

*O*s pródromos do labor historiográfico da Igreja Presbiteriana do Brasil remontam ao trabalho do Rev. Modesto Perestrello de Barros Carvalhosa, uma das primícias do ministério nacional; coube-lhe como secretário permanente do Presbitério do Rio de Janeiro e do Sínodo Brasileiro (1888), a tarefa de arquivar os relatórios dos primeiros missionários americanos. O volume se encontra no Museu Presbiteriano, em Campinas-SP.

O Rev. Antônio Bandeira Trajano, colega de Carvalhosa, foi nomeado o primeiro historiador da Igreja Presbiteriana no Brasil, legando um histórico sobre o Seminário de Simonton (O primeiro Seminário, fundado em 1867). Esta síntese veio a lume em plaqueta do "O PURITANO".

Depois de Carvalhosa e Trajano, a mais competente vocação historiográfica da nossa Igreja foi o Rev. Vicente Themudo Lessa (pernambucano). Escreveu biografias dos primeiros missionários americanos e que se encontram nas páginas de "O Estandarte". Escreveu os "Annaes da Igreja Presbiteriana de São Paulo", e neste tomo incuriona e registra os primeiros anos do presbiterianismo brasileiro. Este livro recebeu o elogio do historiador francês Émile G. Léonard. Na divisão de 1903, Vicente ficou com a facção de Eduardo Carlos Pereira.

Depois o Rev. Frederico Lenington deu o seu concurso a esta seara fazendo um sumário dos primeiros pastores e das primeiras igrejas. O trabalho é um mapa - esboço apenas, contudo importante.

Domingos Ribeiro, presbítero da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, escreveu "Origem do Evangelismo Brasileiro", e uma introdução à história da Igreja Presbiteriana do Brasil. Era um talento e há outras obras de sua lavra.

O Rev. Benjamin Lenz César, na década de trinta, fez um esboço da História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Este trabalho se encontra no "O Puritano". Participou da Comissão de História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Um seu irmão - Rev. Samuel Lenz César, era arquivista de jornais antigos da Igreja, como o foi Vicente Themudo Lessa.

O Rev. Mário Neves escreveu o Digesto Presbiteriano (organização das resoluções do Supremo Concílio desde 1888). No presente o Rev. Josias dos Reis Coelho fez trabalho seguindo a mesma esteira. Trabalho de maior fôlego, surpreendente e monumental. A Secretaria Executiva apoiou este empreendimento e sua publicação pela Casa Editora Presbiteriana (são cinco volumes).

O Rev. Natanael Cortez fez conferências sobre a História do presbiterianismo brasileiro, principalmente sobre as regiões Norte e Nordeste. Em 1946 o Rev. Júlio Andrade Ferreira foi nomeado historiador da Igreja, encarregado de escrever sua história para as comemorações do Centenário. Tarefa a qual cumpriu. Já havia ensaiado com o "O Apóstolo de Caldas", e com a "Galeria Evangélica."

A Comissão Unida do Centenário (Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Presbiteriana Independente do Brasil), foi mola propulsora para o cultivo das tradições históricas do presbiterianismo brasileiro. O Relator dessa comissão era o Rev. Sinval Moraes. Foram criados o jornal "Supre", o "Arquivo Presbiteriano" e o "Museu Presbiteriano". Amantino Vassão, Paulo Lenz César, Waldo Lenz César, Júlio Andrade Ferreira, Boanerges Ribeiro, Benjamin Lenz César e Américo Justiniano Ribeiro figuram como personagens atuantes nestes projetos. Paulo Lenz César financiou o mobiliário do Museu Presbiteriano. Natanael Cortez e Benjamin Moraes figuram como doadores nesta quadra abençoada destes importantes projetos.

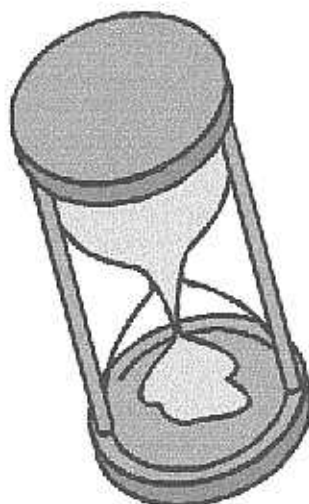
Há trinta e cinco anos um calouro seminarista criou o Instituto de Pesquisa Rev. Martinho de Oliveira, no Seminário Presbiteriano do Norte, principalmente para preservar a memória do presbiterianismo

no Norte e Nordeste do Brasil. É o Rev. Enos Moura que tem uma cadeira de honra neste banquete de gratas recordações.

Em 1986 a Mesa do Supremo Concílio autorizou a transferência do Arquivo Presbiteriano para São Paulo. O Instituto Presbiteriano Mackenzie propôs a criação do Centro de Pesquisa e Documentação da Religião e da Educação no Brasil, tendo a participação da Igreja Presbiteriana do Brasil, Associação Mackenzie de Pesquisa e Cultura, e da Fundação Educacional Rev. José Manoel da Conceição.

Daí para cá o Mackenzie e a Fundação Educacional Presbiteriana têm dado o seu contributivo apoio para a manutenção deste Centro de Pesquisa e Documentação da Memória do Protestantismo Brasileiro.

Se a alguém interessar e se justiça deve ser feita, o Rev. Bonerges Ribeiro foi o grande incentivador e apoiador deste projeto.



O Canto do Urutáu

Era a nossa segunda excursão evangelística pelo Estado do Espírito Santo. Faz cêrca de trinta e cinco anos e coincidia mais ou menos com a época em que os irmãos batistas empreendiam a evangelização da cidade de N. Senhora de Vitoria, capital do Estado.

Duas diferenças havia: êles atacavam a obra bendita pela frente, pela capital; nós, pelos fundos, isto é, contornando a Serra do Caparaó, também conhecida por Serra da Chibata.

Eles traziam, além da paixão evangelizadora, recursos missionários, em dinheiro e pessoal, para o estabelecimento de obra definitiva; nós, apenas a fé e a boavontade – eu, cavalgando o "Othélo", que me fôra oferecido, de presente, por um grupo de crentes e amigos; o João Leandro, deixando aos cuidados da esposa a casa de negocio e a agencia do Correio do Jequitibá, montando o heroico e velho burro da sua propriedade. Levavamos uma bêsta, pertencente, não me lembro agora se ao João ou ao Eduardo Eller, com duas canastrinhas carregadas de biblias e novos testamentos. Cuidava da bêsta e dos livros o Luiz, creoulo cristão, que, apesar de rendido, não perdia essas viagens, dando tudo e não recebendo nada, além da alegria da obra feita para Cristo e sua Igreja.

Partimos do Jequitibá, passámos pela Jacutinga, onde almoçamos em casa do Cristiano Cesar, ponto de pregação muito concorrido, descemos o Rio José Pedro até o lugar onde a estrada se bifurca, derivando a direita, contra a Serra, no ponto acessivel para a travessia, e rumámos enfim diretamente para S. José do Rio Pardo. Nenhum de nós conhecia a estrada e, por isso, perdemos tempo, indagando aqui, perguntando ali e, por vezes, corrigindo erradas, voltando quilómetros para começar de novo.

De S. José do Rio Pardo, abalámos para Muníz Freire, atravessando, por léguas, esplêndidas florestas, inutilmente ricas de jequitibás, baraúnas, ipês, caneleiras, angicos, óleos e cedros magníficos.

O nosso objetivo em Muníz Freire era obter informações quanto à estrada que nos levaria à fazenda do "Santinhos", o snr. Joaquim da Silva Santos, antigo viajante comercial e, então, abastado fazendeiro, de quem ouvíramos que era possuidor de uma biblia, objêto de carinhoso estudo.

Entrámos na povoação de Muníz Freire em um sábado à noite e ficaríamos sem pouso, se não fôra o espírito de hospitalidade de um sírio, que permitiu nos alojássemos no seu proprio negocio, entre as mercadorias.

No domingo pela manhã rumámos para a fazenda do "Santinhos".

Entrámos numa dependencia da casa residencial, onde um cavalheiro português, após despachar varios camaradas, a quem dava instruções sobre casos da fazenda, nos perguntou o motivo por que o procurávamos.

Ao ouvir que a nossa missão era espalhar a Palavra de Deus e pregar o Evangelho, o "Santinhos", pois era êle precisamente o homem procurado, exultou e, deixando-nos abruptamente, correu à porta que dava para o interior da casa e gritou para a esposa:

- "Está aqui um evangelista! Faça um almoço bom! Mate um frango! ..."

Conversámos o domingo todo. À noite houve culto com grande concurrencia. O Santinhos mandara convidar todos os seus vizinhos. Por essa ocasião, o nobre fazendeiro e sua leal esposa selaram com o santo batismo sua publica profissão de fé.

Depois desse pequeno descanso, no venturoso oasis, proseguimos na jornada, rumo da Vila do Alegre, onde, por ocasião da nossa primeira viagem, recebêramos por profissão de fé e batismo o Néca Teixeira, snr. Manoel Teixeira, e sua nobre esposa, que habitavam uma pequena fazenda de café, sua propriedade, a suldeste da vila, cousa de duas léguas.

Dos filhos pequeninos de Néca Teixeira, que batizámos então, um é hoje ministro da Igreja Metodista.

Na Vila do Alegre, procurámos consolidar a obra iniciada em nossa primeira viagem, sendo justo registrar que os muitos espíritas que ali havia nos trataram com simpatia e nos prestaram valioso auxilio.

Visitados os poucos crentes e colocadas muitas biblias e novos testamentos, deixámos o Alegre e lá nos fomos em direção de S. José do Calçado.

Nessa vila, onde entrámos da primeira vês com tanta perplexidade, abusando com ousadia de um convite, de simples cortezia, que nos fizera o snr. Manoel Batista de Moraes, havia agora tres familias interessadas no santo Evangelho: as familias de Manoel Batista de Moraes, de Romão de Moraes e de Benjamin Moraes.

Hospedou-nos fidalgamente Benjamin Morais , o único farmacêutico de São José do Calçado. Os outros realizaram-se, como da primeira viagem, na sala de visitas, ao lado da farmácia.

Na ultima noite, por ocasião do culto, fizeram a sua publica profissão de fé e foram batizados o snr. Benjamin Morais e sua esposa, nossa dedicada hospedeira, D. Adelia; e o snr. Romão de Morais e senhora. Entre as crianças batizadas nessa ocasião, estavam Sinval de Morais, filho de Romão de Morais, hoje ativo e prestigiado ministro da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil e Jairo Morais, filho de Benjamin Morais, hoje notavel facultativo e membro da Igreja Cristã Presbiteriana do Riachuelo.

Da ninhada de Benjamin Morais e D. Adelia, Dejanira era a filha mais velha: - uma inteligente e interessante menina.

- Mamãe, disse ela em nossa presença, eu não quero ser batizada! As tias disseram que os protestantes não podem dançar! Eu não quero ficar protestante! Eu gosto de dançar!

D. Adelia então tratou de convencer à Dejanira e, à noite, foi ela batizada com os outros...

A essa altura, já apertavam as saudades de casa.

Resolvemos voltar, mas importava fechar o circulo ao redór da Serra do Caparaó! Passámos por S. Pedro do Itabapoana, em busca de S. Miguel dos Veados, onde pregámos e deixámos algumas biblias. Desse pequeno arraial surgiu a grande cidade de Siqueira Campos; e dessas biblias, uma próspera e ativa Igreja Presbiteriana.

Transposta a fronteira, estávamos de novo em Minas e derivámos para S. João de Baixo, pois tínhamos de passar por S. Sebastião da Barra, onde pregámos em casa do dedicado escrivão Alexandre de Souza, que poucos meses antes fizera a sua publica profissão de fé, juntamente com a sua fiel esposa.

Faltavam apenas cinco leguas para chegarmos ao Jequitibá. Mas já era tarde! Todos concordámos em viajar à noite, pois a estrada, apesar de atravessar extensas florestas, era conhecida. Assim chegaríamos em casa de madrugada, antes de romper o dia!

Pelas vinte horas imergimos na escuridão e lá nos fomos por aquêl trilho de cavaleiros, ora subindo serras, ora percorrendo vales, e quasi sempre através de matas virgens, onde a escuridão fe-

chava e apenas sabíamos que caminhávamos, porque sentíamos, de baixo de nós, os bruscos movimentos dos cavalos, a pisar em pedras ou a tropeçar em tócos.

A princípio, iam conversando recordando casos salientes da viagem; mas depois, lá pela meia noite, moídos de fadiga e possuídos de sono, fomos-nos calando; e, por fim, reinava o silêncio, apenas interrompido pelo tropel dos animais, pelo cri-ri estrídulo dos grilos, ou por algum barulho de azas nas árvores.

Quando descíamos a encosta da última serra, lá para as bandas do Amorim, em um dos pontos mais escuros da mata, aconteceu uma coisa que me fez gelar.

Caminhava na frente o Luiz, tocando a bêsta da bagagem; vinha eu em seguida e, passos atrás, o João Leandro.

De repente, uma voz forte, de soprano lírico, se fez ouvir e os seus acentos ecoaram na floresta e nas quebradas além. Começando alto, desceu seis notas da escala musical – lá..., lá..., lá..., lá..., lá..., lá..., as quatro primeiras perfeitamente afinadas e as duas últimas desafinadas ligeiramente. E, a seguir, como que zombando, em voz mais baixa – ah, ah, ah, ah, ah...

Eu nunca ouvira uma coisa assim! Pelo meu espírito passou, rápido como um relampago, todo o complexo de uma tragédia!

Fiquei estarrecido! Colhi as rédeas ao Othelo e perguntei ao João Leandro:

- Que é isto? Uma mulher louca... perdida na floresta?
- Nada! Exclamou o João Leandro. Qual mulher louca, qual nada! Isso é um passaro noturno – o Urutáu...

Quilômetros além, já trotávamos na baixada; e ainda ouvíamos ao longe, na encosta da serra, com a voz clara e pura, o canto do Urutáu.

Rio, 12-3-1940

Mattathias Gomes dos Santos

O Canto do Urutân

Era a nossa segunda excursão evangelística pelo Estado do Espírito Santo. Faz cerca de trinta e cinco anos e coincidia mais ou menos com a época em que os irmãos batistas empreendiam a evangelização da cidade de Nossa Senhora de Vitória, capital do Estado.

Duas diferenças havia: eles atacavam a obra bendita pela frente, pela capital; nós, pelos fundos, isto é, contornando a Serra do Caparaó, também conhecida por Serra da Chibata.

Eles traziam, além da paixão evangelizadora, recursos missionários, em dinheiro, e pessoal para o estabelecimento de obra definitiva; nós, apenas a fé e a boa vontade – eu, cavalgando o "Othélo", que me fora oferecido, de presente, por um grupo de crentes e amigos; o João Leandro, deixando aos cuidados da esposa a casa de negocio e a agência do Correio do Jequitibá, montando o heróico e velho burro da sua propriedade. Levávamos uma besta, pertencente, não me lembro agora se ao João ou ao Eduardo Eller, com duas canastrinhas carregadas de biblias e novos testamentos. Cuidava da besta e dos livros o Luiz, crioulo cristão, que, apesar de rendido, não perdia essas viagens, dando tudo e não recebendo nada, além da alegria da obra feita para Cristo e sua Igreja.

Partimos do Jequitibá, passamos pela Jacutinga, onde almoçamos em casa do Cristiano César, ponto de pregação muito concorrido, descemos o Rio José Pedro até o lugar onde a estrada se bifurca, derivando à direita, contra a Serra, no ponto acessível para a travessia, e rumamos enfim diretamente para São José do Rio Pardo. Nenhum de nós conhecia a estrada e, por isso, perdemos tempo, indagando aqui, perguntando ali e, por vezes, corrigindo erradas, voltando quilômetros para começar de novo.

De São José do Rio Pardo, abalamos para Muniz Freire, atravessando, por léguas, esplêndidas florestas, inutilmente ricas de jequitibás, baraúnas, ipês, caneleiras, angicos, óleos e cedros magníficos.

O nosso objetivo em Muniz Freire era obter informações quanto à estrada que nos levaria à fazenda do "Santinhos", o Sr. Joaquim da Silva Santos, antigo viajante comercial e, então, abastado fazen-

deiro, de quem ouvimos que era possuidor de uma bíblia, objeto de carinhoso estudo.

Entramos na povoação de Muniz Freire em um sábado à noite e ficaríamos sem pouso, se não fora o espírito de hospitalidade de um sírio, que permitiu nos alojássemos no seu próprio negócio, entre as mercadorias.

No domingo pela manhã rumamos para a fazenda do "Santinhos".

Entramos numa dependência da casa residencial, onde um cavalheiro português, após despachar vários camaradas, a quem dava instruções sobre casos da fazenda, nos perguntou o motivo por que o procurávamos.

Ao ouvir que a nossa missão era espalhar a Palavra de Deus e pregar o Evangelho, o "Santinhos", pois era ele precisamente o homem procurado, exultou e, deixando-nos abruptamente, correu à porta que dava para o inteiro da casa e gritou para a esposa: - "Está aqui um evangelista! Faça um almoço bom! Mate um frango! ..."

Conversamos o domingo todo. À noite houve culto com grande concorrência. O Santinhos mandara convidar todos os seus vizinhos. Por essa ocasião, o nobre fazendeiro e sua leal esposa selaram com o santo batismo sua pública profissão de fé.

Depois desse pequeno descanso, no venturoso oásis, prosseguimos na jornada, rumo da Vila do Alegre, onde, por ocasião da nossa primeira viagem, recebêramos por profissão de fé e batismo o Neca Teixeira, Sr. Manoel Teixeira, e sua nobre esposa, que habitavam uma pequena fazenda de café, sua propriedade, a sudeste da vila, cousa de duas léguas.

Dos filhos pequeninos de Neca Teixeira, que batizamos então, um é hoje ministro da Igreja Metodista.

Na Vila do Alegre, procuramos consolidar a obra iniciada em nossa primeira viagem, sendo justo registrar que os muitos espíritas que ali havia nos trataram com simpatia e nos prestaram valioso auxílio.

Visitados os poucos crentes e colocadas muitas bíblias e novos testamentos, deixamos o Alegre e lá nos fomos em direção de São José do Calçado.

Nessa vila, onde entramos da primeira vez com tanta perplexidade, abusando com ousadia de um convite, de simples cortesia, que nos fizera o Sr. Manoel Batista de Moraes, havia agora três fa-

mílias interessadas no santo Evangelho: as famílias de Manoel Batista de Moraes, de Romão de Moraes e de Benjamin Moraes.

Hospedou-nos fidalgamente Benjamin Moraes, o único farmacêutico de São José do Calçado. Os cultos realizaram-se, como da primeira viagem, na sala de visitas, ao lado da farmácia.

Na última noite, por ocasião do culto, fizeram a sua pública profissão de fé e foram batizados o Sr. Benjamin Moraes e sua esposa, nossa dedicada hospedeira, D. Adélia; e o Sr. Romão de Moraes e senhora. Entre as crianças batizadas nessa ocasião, estavam Sinval de Moraes, filho de Romão de Moraes, hoje ativo e prestigiado ministro da Igreja Cristã Presbiteriana do Brasil e Jairo Moraes, filho de Benjamin Moraes, hoje notável facultativo e membro da Igreja Cristã Presbiteriana do Riachuelo.

Da ninhada de Benjamin Moraes e D. Adélia, Dejanira era a filha mais velha: - uma inteligente e interessante menina.

- Mamãe, disse ela em nossa presença, eu não quero ser batizada! As titias disseram que os protestantes não podem dançar! Eu não quero ficar protestante! Eu gosto de dançar!

D. Adélia então tratou de convencer a Dejanira e, à noite, foi ela batizada com os outros...

A essa altura, já apertavam as saudades de casa.

Resolvemos voltar, mas importava fechar o círculo ao redor da Serra do Caparaó! Passamos por São Pedro do Itabapoana, em busca de São Miguel dos Veados, onde pregamos e deixamos algumas bíblias. Desse pequeno arraial surgiu a grande cidade de Siqueira Campos; e dessas bíblias, uma próspera e ativa Igreja Presbiteriana.

Transposta a fronteira, estávamos de novo em Minas e derivamos para São João de Baixo, pois tínhamos de passar por São Sebastião da Barra, onde pregamos em casa do dedicado escrivão Alexandre de Souza, que poucos meses antes fizera a sua pública profissão de fé, juntamente com a sua fiel esposa.

Faltavam apenas cinco léguas para chegarmos ao Jequitibá. Mas já era tarde! Todos concordamos em viajar à noite, pois a estrada, apesar de atravessar extensas florestas, era conhecida. Assim chegaríamos em casa de madrugada, antes de romper o dia!

Pelas vinte horas imergimos na escuridão e lá nos fomos por aquele trilho de cavaleiros, ora subindo serras, ora percorrendo vales, e quase sempre através de matas virgens, onde a escuridão fechava e apenas sabíamos que caminhávamos, porque sentíamos, de baixo de nós, os bruscos movimentos dos cavalos, a pisar em pedras ou a tropeçar em tocos.

A princípio, iam conversando recordando casos salientes da viagem; mas depois, lá pela meia noite, moídos de fadiga e possuídos de sono, fomos calando; e, por fim, reinava o silêncio, apenas interrompido pelo tropel dos animais, pelo cri-ri estrídulo dos grilos, ou por algum barulho de azas nas árvores.

Quando descíamos a encosta da última serra, lá para as bandas do Amorim, em um dos pontos mais escuros da mata, aconteceu uma coisa que me fez gelar.

Caminhava na frente o Luiz, tocando a besta da bagagem; vinha eu em seguida e, passos atrás, o João Leandro.

De repente, uma voz forte, de soprano lírico, se fez ouvir e os seus acentos ecoaram na floresta e nas quebradas além. Começando alto, desceu seis notas da escala musical – lá..., lá..., lá..., lá..., lá..., lá..., as quatro primeiras perfeitamente afinadas e as duas últimas desafinadas ligeiramente. E, a seguir, como que zombando, em voz mais baixa – ah, ah, ah, ah, ah...

Eu nunca ouvira uma coisa assim! Pelo meu espírito passou, rápido como um relâmpago, todo o complexo de uma tragédia!

Fiquei estarecido! Colhi as rédeas ao Othélo e perguntei ao João Leandro:

- Que é isto? Uma mulher louca... perdida na floresta?

- Nada! Exclamou o João Leandro. Qual mulher louca, qual nada! Isso é um pássaro noturno – o Urutáu...

Quilômetros além, já trotávamos na baixada; e ainda ouvíamos ao longe, na encosta da serra, com a voz clara e pura, o canto do Urutáu.

Rio, 12-3-1940

Mattathias Gomes dos Santos

PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA

VANDALISMO EM S. JOSÉ DO CALÇADO

Telegramma do rev. Alvaro Reis, em viagem em S. José do Calçado, Estado do Espirito Sancto, diz que o templo presbyteriano daquelle logar foi assaltado e reduzido a cinzas.

Eis uma noticia que não precisa de commentario. Mas fazemos algumas considerações.

Estamos em nossa terra que nos garante liberdade de consciencia e no entanto as scenas de represalia têm-se repetido até chegar a incendiar um templo.

É uma vergonha para a nossa terra: é prova de crassa ignorancia, ignorancia que traz consigo todos os males.

Scena de vandalismo em pleno Brasil – a terra da liberdade, e à luz do seculo vinte! E porque? Porque "o Brasil é essencialmente catholico."

Si for nesta marcha, logo geremos o "tribunal do sancto officio." E não é de admirar, pois a Igreja Catholica já está sendo, tem sido subsidiada pelo Estado. Logo tambem haverá a estaca no meio da lenha incendiada para queimar os hereges, etc. Vamos bem!

Deixemos isto. Consideremos o estado de nossa Igreja alli. O templo foi o resultado de tantos esforços, de tantas orações e dos ultimos recursos de muitos pobres.

Agora, verem em cinzas o seu trabalho, o logar onde vi-nham louvar a Deus e deixar transparecer a maior alegria de seu coração!

A Igreja está triste, mas ao mesmo tempo alegre, porque sofre pelo nome de Jesus.

Uma cousa a experiencia nos diz: das cinzas do templo destruido brotarão templos e milhares de crentes em Jesus.

Este mal que os inimigos nos fazem, Deus o reverterá em bem: Deus escreve o direito por linhas tortas.

E mais uma vez nos convencemos que o Brasil precisa do Evangelho que Roma não dá a ninguém.

Estamos certos tambem que o nosso companheiro, rev. Alvaro Reis, que se acha no local, há de aproveitar a oportunidade, e mostrar, à vista deste acontecimento, a necessidade que o nosso povo tem, da Palavra de Deus que é livre como são livres os passaros que, cantando, recortam os nossos ares.

Estulta Roma: não sabes ainda que o espalhamento do Christianismo é fructo das perseguições?

(Grafia original de 1908)

SEMEANDO E COLHENDO NO ESPIRITO SANCTO E RIO

Acudindo ao convite de varias pessoas interessadas no Evangelho, no dia 29 de março proximo passado organizámos, na Villa do Calçado, uma *comitiva evangelica* composta de "Esforçadores Crhistãos", e seguimos para o sitio do sr. Francisco Rodrigues, que por occasião do culto fez sua publica profissão de fé.

Deus o conserve fiel até á morte.

Dali a dois dias, tendo vencido dezenove leguas a cavallo, estava em Miracema a convite do rev. T. Porter, que desde ha tempo iniciou esse trabalho.

Realizei cinco conferencias, que foram assistidas por um auditorio respeitoso e respeitavel. No domingo, á noite, 5 de abril, ligaram-se á Egreja, com os votos publicos de fé e baptismo, os irmãos: Saturnino R. de Rezende Montes, dd. Itelvina de Miranda Mentas, Leolinda Clara Valladão Montes e o sr. Custodio Paulo de Oliveira.

Está, portanto, organizado o primeiro nucleo de "escolhidos do Reino Divino" na pittoresca e futura Miracema.

Novos rebentos do grande batalhão, erguei bem alto o Pendão da Salvação; prégaie com as palavras e com o testemunho dos factos e esse bom povo será de Christo.

Nessa mesma data, o irmão supra referido Saturnino e d. Itelvina, sua esposa, consagraram a Deus, pelo baptismo, os seus filhinhos Leonilda, Luzia, Sebastião e Ivo, que Deus conserve sob sua guarda.

De volta, na Villa do Calçado, no domingo seguinte, a 12 de abril, recebi por profissão de fé e baptismo a irmã d. Maria José Borges, esposa do irmão Francisco Rodrigues; acto continuo, ministrei o baptismo aos seus filhos Arlindo, Maria, Ernestino e Modestino. Deus abençõe essa familia, que acaba de entrar no "aprisco do Bom Pastor."

Retirou-se da Villa do Calçado para a França, sua patria, o rev. padre Julio Freur s. revm., deixou uma nota nitida do seu espirito generoso e liberal, quando, ao retirar-se, foi despedir-se pessoalmente de todas as familias, que constituem a sociedade calçadense.

Bons ventos lhe bafegem a sua estadia na gloriosa Patria, que é berço das idéas grandes e generosas.

Os nosos hymnos estão sendo cantados com mais enthusiasmo desde que a Egreja comprou o excellente harmonium do rev. padre Julio Freur. Feliz negocio ! duzentos mil réis a praso de um anno. Declaramos nos gratos aos subscriptores da lista organizado para tal aquisição, entre os quaes se acha a o sr. Padre Freur.

Constancio Omegna.